

Desigualdades mofadas e tensões engatilhadas: os cacos da violência em *Leite Derramado* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

Leonardo Augusto Bora¹

RESUMO: Embebido do teor ensaístico, o artigo propõe uma leitura comparativa dos romances *Leite Derramado*, de Chico Buarque, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, tendo por norte algumas reflexões sobre a violência estrutural da sociedade brasileira desenvolvidas por Roberto Schwarz. A análise, ainda, questiona as relações entre literatura e história, dialogando com autores como Georg Lukács, Theodor Adorno, Alfredo Bosi, Darcy Ribeiro, Lilia Schwarcz e Heloisa Starling.

Palavras-chave: Violência; Literatura; História.

ABSTRACT: Impregnated by the essayistic content, the article proposes a comparative reading of the novels *Leite Derramado*, by Chico Buarque, and *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, by Machado de Assis, focusing in some reflections about the structural violence of Brazilian society developed by Roberto Schwarz. The analysis also questions the relationship between literature and history, dialoguing with authors such as Georg Lukács, Theodor Adorno, Alfredo Bosi, Darcy Ribeiro, Lilia Schwarcz and Heloisa Starling.

Keywords: Violence; Literature; History.

Introdução - o leite derramado

O romance *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, se apresenta dividido em 23 capítulos (ou melhor, nas trilhas de Theodor Adorno, é dizer “fragmentos”²?), entre a

¹ Doutorando (bolsista CNPq) e Mestre em Teoria Literária (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), Bacharel em Direito (Universidade Federal do Paraná - UFPR), Licenciado em Letras Português-Inglês (Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR).

² Adorno tece importantes comentários sobre a ideia de “fragmento” em “O ensaio como forma”, texto que abre a coletânea *Notas de Literatura – I*. Em certo momento, afirma: “O ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não em aplainar a realidade fraturada. (...) A descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito em suspenso” (ADORNO, 2008, p. 35). Indubitavelmente, *Leite Derramado* não é uma coletânea de ensaios; o

memória e a fala, o vivido e o inventado, o delírio de um moribundo e a realidade (filtrada) de um quarto hospitalar. Observa-se, numa sequência frenética de acontecimentos lembrados, o pensamento misturado em fluxos transtemporais – é possível, portanto, falar em verdades? O passado é reconstruído aos pedaços e as fissuras são preenchidas por incoerências e comentários críticos, sobrando versões conflitantes para um mesmo fato e leituras sociais anacrônicas – nesse sentido, trata-se de uma narração ainda mais subjetiva e manchada pelos efeitos do tempo que os relatos de Paulo Honório, Bento Santiago, Riobaldo, demais narradores-protagonistas (“espectadores de si mesmos”, na terminologia de Augusto Meyer) de grandes romances da tradição literária brasileira. O que não é pouco: um desafio para o leitor atento, um convite às provocações.

Passadas as primeiras páginas, pode-se afirmar que se trata de uma narrativa pontuada por temas entrecruzados, figurando a violência (física e simbólica) enquanto medula óssea. Ganham destaque, por exemplo, as questões raciais e de gênero, as “revoluções” políticas brasileiras (“revoluções passivas”, em termos gramscianos), os conflitos ideológicos entre representantes de épocas e locais distintos, a excludente construção de novos espaços e Brasis (o bairro de Copacabana e a Baixada Fluminense, no caso específico do Rio de Janeiro). Um romance de gênese e morte, enraizado no (pantanosos) terreno da dialética: o narrador, Eulálio d’Assumpção, é um velho centenário que representa os restos do Brasil Imperial, da sociedade do compadrio, das tensões seculares entre Casa-Grande & Senzala, do próprio homem cordial (o “tipo ideal” teorizado por Sérgio Buarque de Holanda, pai do autor do romance, em *Raízes do Brasil*), entre a “ordem” que defende com veemência nos monólogos que faz (ou pensa fazer) às enfermeiras e às paredes do hospital e a “desordem” da encarquilhada realidade ao seu redor (que ele rejeita, e por isso recorre à memória). Em meio aos cacos do “agora”, escorre o leite derramado – e uma série de apontamentos sobre os problemas derivados das raízes agrárias e escravocratas do nosso país.³ É desse torvelinho que saltam reflexões (por vezes cruas, sem maquiagem) acerca do racismo, do machismo e dos demais preconceitos (e das vítimas) oriundos de um passado não-sepultado, veias abertas no século XXI – o que

evidente teor ensaístico da ficção de Chico Buarque, entretanto, justifica o diálogo com Adorno, que será retomado no decorrer deste trabalho.

² Segundo Gilberto Freyre, a sociedade colonial brasileira (o autor fala em “América tropical” como um todo) era “agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição” (FREYRE, 2011, p. 65).

confere, de saída, um senso de atualidade e urgência (pode-se pensar nas muitas dimensões da ideia de “consciência histórica”) à experiência literária de Chico Buarque.

Não à toa tal emaranhado temático despertou o interesse de Roberto Schwarz, crítico literário de inclinação marxista que, destrinchando a prosa de *Leite Derramado*, redigiu o curto ensaio “Cetim laranja sobre fundo escuro”, presente na coletânea *Martinha versus Lucrecia* (2012) – famosa desde o lançamento devido à reerupção do polêmico debate entre Schwarz e Caetano Veloso (decorrente do ensaio “Verdade Tropical: um percurso de nosso tempo”). Na contramão do ensaio dedicado ao escritor e músico baiano, longo e acidamente crítico (apesar dos elogios problematizados de início, quando as memórias do artista são comparadas aos alfarrábios de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade), “Cetim laranja sobre fundo escuro” é essencialmente elogioso, conforme se depreende do seguinte excerto:

Leite Derramado, o novo romance de Chico Buarque, é um livro divertido que se lê de um estirão. O título se refere a um casamento estragado pelo ciúme e, indiretamente, ao curso das coisas no Brasil. Aos leitores mais atentos, o romance sugere uma porção de perspectivas meio escondidas, que fazem dele uma obra ambiciosa. Os amigos de Machado de Assis notarão o paralelo com *Dom Casmurro*. Entre as façanhas da narrativa está a figura de Matilde, uma garota incrivelmente desejável feita de quase nada. (...) O ciúme que ela desperta no marido-narrador, Eulálio d’Assumpção (com p, para não ser confundido com os meros Assunção), é o pivô do livro e dá margem a seqüências e análises memoráveis (SCHWARZ, 2012, p. 143).

No decorrer do ensaio, Schwarz compara diretamente a prosa de Chico Buarque (considerada “divertida” e “brincalhona”, elogios de tintas adornianas - afinal, ao dialogar com *Der Erwählte* e *Die Betrogene*, obras tardias de Thomas Mann, Adorno destaca o “caráter de brincadeira elevada” (ADORNO, 2008, p. 61) presente nas narrativas) às linhas de Graciliano Ramos e, especialmente, à escrita de Machado de Assis. Tanto o estilo de narrar quanto a temática merecem apontamentos comparatistas:

Em suma, tanto o amor como o ciúme se alimentam da desigualdade de classe e de cor, que segundo a ocasião funcionam como atrativo ou objeção. Estamos em plena comédia brasileira. Quando é abandonado por Matilde, que vai embora sem dar explicação, Eulálio não se desinteressa das mulheres. Como Dom Casmurro ele recebe visitas femininas em seu casarão, às quais pede que vistam as roupas da outra, insubstituível. A relação desigual, em que nome de família, dinheiro e

preconceito de cor e classe se articulam com desejo e ciúme, forma um padrão consistente, que vira cacoete (SCHWARZ, 2012, p. 144).

Ainda que Schwarz não tenha se aprofundado na semelhança apontada, é possível expandir a leitura e pensar no projeto (malfadado) de Bentinho, que pretendia, como esclarece ao leitor no Capítulo II, “Do Livro”, “atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência” (MACHADO DE ASSIS, 2002, p. 14). Tanto Dom Casmurro (o narrador Bento Santiago metamorfoseado, conforme a lição de Ronaldo de Melo e Souza) quanto Eulálio d’Assumpção se veem atormentados por fantasmas e vitimados pela fúria do tempo: não é possível voltar atrás; o que foi quebrado, quebrado restará. Interessante é notar o quanto a independência, a leveza e o não-enquadramento nos padrões elitizados e “bem comportados” tornam Capitu e Matilde, as personagens femininas que, ainda que ausentes (as “presenças fantasmáticas” de que fala Agamben), estruturam as narrativas de *Dom Casmurro* e *Leite Derramado*, despertam a autocrítica aliada aos preconceitos de seus narradores – comentários paralelos que surgem enquanto frutos do olhar retrospectivo de ambos, aprisionados que estão na teia de subjetividades da narração multiperspectiva (algo que intensifica o teor complexo das obras – e novamente é possível dialogar com Adorno, dadas as reflexões acerca da “posição do narrador no romance contemporâneo”, o título de um dos mais interessantes ensaios das *Notas de Literatura*⁴). Matilde é o núcleo incandescente das reflexões de Eulálio, que convergem - quase obsessivamente - a ela e à mãe (à maneira de Bentinho e à oposição entre Dona Glória e Capitu, a “santa” em cujos pés se depositam flores e a “adúltera” a ser condenada em praça pública, respectivamente).

Schwarz alerta o leitor desavisado, ávido por respostas prontas: “como em *Dom Casmurro*, não há resposta segura para o traiu-não-traiu, e o livro é construído de maneira a alimentar o ânimo fofoqueiro dos leitores” (SCHWARZ, 2012, p. 147). Também em comparação com o romance machadiano, o ensaísta afirma que *Leite Derramado* “é brincalhão, mas não ingênuo” (SCHWARZ, 2012, p. 149). Está a desenvolver a ideia de que há camadas de leitura sobrepostas, um livro rasurado, com solo narrativo folhoso, que pode

⁴ No referido ensaio, o teórico afirma: “Quando em Proust o comentário está de tal modo entrelaçado na ação que a distinção entre ambos desaparece, o narrador está atacando um componente fundamental de sua relação com o leitor: a distância estética. No romance tradicional, essa distância era fixa. Agora ela varia conforme as posições da câmera no cinema: o leitor é ora deixado do lado de fora, ora guiado pelo comentário até o palco, os bastidores e a casa de máquinas” (ADORNO, 2008, p. 61).

enganar à primeira vista, a começar pela linguagem ambígua – comparada à voz narrativa de Paulo Honório, em *São Bernardo*, e à construção ficcional de Madalena (outra personagem feminina vitimada pela violência de gênero fincada nas rochas do patriarcalismo). Trata-se, em suma, nesta primeira visão panorâmica, de um romance de adultério com as características do tipo consagrado pela prosa realista francesa do expoente Flaubert, condenada por Machado de Assis no caso de *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, na polêmica discussão sobre a Escola Realista portuguesa, e reconstruído no contexto autoral de obras como *Dom Casmurro*, no caso brasileiro, e *Effi Briest*, no caso alemão exemplificado por Theodor Fontane. Mas tal classificação temática não dá conta das particularidades da narrativa – e Schwarz, com inteligência, percebe isso.

Mais do que em *Dom Casmurro*, há, em *Leite Derramado*, a já esboçada intenção “subtextual” de passar em revista parte da história brasileira, da chegada da família real portuguesa, em 1808, ao tempo atual, marcado pelos “manchas torturadas” da ditadura militar, pelas “balas perdidas” da guerra ao tráfico de drogas, pelos conflitos fundiários decorrentes da concentração de renda, pelas convulsões sociais sintetizadas no hospital público em que o protagonista e narrador está internado. Nesse sentido, figura o romance enquanto exercício ficcional envolvido pela historicidade, sendo possível a comparação da prosa de Chico Buarque com passagens de *Esau e Jacó*, especialmente ao episódio das tabletas da confeitaria do personagem Custódio⁵. E impossível é não pensar nas peripécias narrativas de Brás Cubas, o objeto da pesquisa que Schwarz apresentou em *Um mestre na periferia do capitalismo*, livro de 1990 que até hoje alimenta acaloradas discussões. Na obra, Schwarz utiliza proposições de Antonio Candido e Alfredo Bosi para a construção do horizonte analítico, tendo por base o sólido acúmulo de leituras de Karl Marx e demais autores da teoria crítica – tanto que o autor afirma, no prefácio: “meu trabalho seria impensável igualmente sem a tradição – contraditória – formada por Lukács, Benjamin, Brecht e Adorno, e sem a inspiração de Marx” (SCHWARZ, 2008, p. 13).

Mapeado minimamente este cenário, o artigo pretende expandir a leitura de *Leite Derramado* e estreitar o diálogo com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, investigando, em

⁵ Trata-se do capítulo LXIII, “Tableta Nova”, do romance *Esau e Jacó*. Lê-se, no trecho, uma magistralmente bem construída metáfora para o processo político que levou à derrocada do Império e à Proclamação da República por Deodoro da Fonseca, em 1889.

paralelo, alguns pormenores do “ensaísmo schwarziano”⁶. Além de apontar as tensões e os pontos de confluência, objetiva-se levantar novos questionamentos sobre os enredos dos romances e esboçar reflexões sobre o papel da crítica nos tempos turbulentos do hoje - quando o estudo da história parece um “convite aberto”⁷. Mais do que respostas prontas para as indagações ferventes, a formulação de novas interrogativas é o horizonte a ser desnudado.

1.Os medalhões: os Cubas e os d’Assumpção

Um dos contos mais debatidos de Machado de Assis, “Teoria do Medalhão”, originalmente publicado em 1881, apresenta o diálogo entre pai e filho, na tradição das narrativas de conselhos paternos que encontra em Shakespeare (talvez o autor com quem o escritor brasileiro mais dialoga – vide a “poética da emulação” teorizada por João Cezar de Castro Rocha), na cena 03 do primeiro ato de *Hamlet*, uma espécie de espelho invertido. Se, na peça, Polonius oferece a Laertes conselhos marcados pela ternura, elevados do ponto de vista ético e pontuados de equilíbrio e temperança, no conto a situação é distinta: as lições ensinadas pelo pai ao filho, Janjão, ao final do jantar de aniversário de vinte e um anos do “peralta”, são completamente questionáveis aos olhos da ética, aparecendo enquanto um brilhante exercício da ironia machadiana. Na comparação com *Leite Derramado*, é o próprio Schwarz quem vislumbra os primeiros movimentos: “como ele mesmo (Eulálio) é o narrador, temos uma situação literária machadiana, em que a crítica social não se faz diretamente, mas pela autoexposição involuntária de um figurão” (SCHWARZ, 2012, p. 146). Tal autoexposição, estratégia narrativa que não raro gera a sensação de incredulidade por parte do leitor (beirando o ridículo e/ou o inacreditável, dado o excesso de desfaçatez), é exemplificada por “Teoria do Medalhão”, conforme o seguinte trecho: “recapitulando sua vida, com propósito sentimental, ele sem querer vai entregando os segredos da sua classe, em especial os

⁶ O termo baliza a dissertação *O lugar das artes na crítica de Roberto Schwarz*, de Marcelo Silva Souza, defendida na Universidade de São Paulo - USP, em 2009.

⁷ Assim Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling encerram *Brasil: uma biografia*, obra de fôlego que termina por mencionar as manifestações populares de 13 e 15 de março de 2015. Na visão das autoras, “a história tem corrido rápida, acelerada nesses dias, e nossa conclusão só pode ser mesmo um convite aberto” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 508).

podres. (...) À maneira do Machado da ‘Teoria do Medalhão’, o romancista fixa um tipo nacional (...)” (SCHWARZ, 2012, p. 146).

Em uma linha interpretativa semelhante àquela proposta por Antonio Candido ao analisar *Memórias de um Sargento de Milícias*, em “Dialética da Malandragem”, Schwarz fala em um “tipo nacional”, aquele personificado por Eulálio – um “medalhão” corroído pelo tempo, debilitado, porém ainda autoritário e potencialmente violento (o que se depreende das afirmações categóricas, das ordens em tom militar, das visões unilaterais e das marcas de assédio moral – contra as enfermeiras, principalmente – que se amontoam ao longo do romance). Porém, mais do que expressar o discurso do pai de Janjão, que, sem escrúpulos nem eufemismos, exalta a publicidade barata, as ideias inócuas, a não-filosofia e a proibição da ironia, o narrador de *Leite Derramado* é um sujeito problemático que enfrenta o “pandemônio” da memória e, a certa altura dos delírios, reconhece, com alguma resignação: “(...) mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opiáceos, dormimos todos em camas rangedoras” (BUARQUE, 2011, p. 50); é o filho de um medalhão assassinado à queima-roupa (também vitimado pela violência, portanto), senador influente, que parece ter deixado como herança (além do nome, quase um “bem de família”) as lições sexuais com prostitutas de Crans-Montana, a iniciação no uso de cocaína enquanto prática elitista (“Mas não se tratava dessa porcaria que idiota cheira por aí, era cocaína da pura, que só tomava quem podia” (BUARQUE, 2011, p. 36).) e a crença indubitável (que, no tempo atual da narração do moribundo entrevado, ironicamente se traveste de tragicomédia) de que “a porta certa se abriria sozinha” (BUARQUE, 2011, p. 43). Não parece equivocado afirmar que se trata de uma cadeia de medalhões, restando, passados séculos de privilégios, desprezos e atrocidades (o avô, um “figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical”, pretendia “mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África, mas não deu certo” (BUARQUE, 2011, p. 15).), a consciência, ainda que em lampejos, de uma retumbante mediocridade.

Chega-se, pois, ao núcleo desta análise, que se propõe a expandir a visão de Schwarz ao primeiro grande romance do contestável “ciclo realista” de Machado de Assis, para além das classificações (Schwarz referenda a ideia de que *Leite Derramado* é uma “invenção realista de Chico Buarque” (SCHWARZ, 2012, p. 150), ponto que, se tomado o termo em sua

dimensão histórica atrelada ao século XIX, é discutível à luz das teorias literárias contemporâneas menos preocupadas com a rotulação taxonômica e mais interessadas em dialogar criticamente com as singularidades de cada obra, no seu devido contexto). Na visão de Schwarz, as memórias de Eulálio D'Assumpção “têm algo dum samba do crioulo doido da classe dominante” (SCHWARZ, 2012, p. 145). A síntese do enredo apresentada pelo teórico é digna de apreço:

Depois de chegar ao Brasil na comitiva de D. João VI, quando um trisavô serviu de confidente a Dona Maria, a Louca, a família dedica-se ao tráfico negreiro e, mais adiante, a negociatas propiciadas pelo abolicionismo, visando repatriar os negros à África. Já na República, o pai de Eulálio é um senador *belle époque* (...), além de ser homem de confiança de armeiros franceses, que através dele vendem canhões obsoletos ao Exército Brasileiro. Quanto aos descendentes, a filha baixa o nível ao casar com um filho de imigrante, o neto sai comunista da linha chinesa e o bisneto, nascido na cadeia onde o pai esteve preso e foi morto, é um cioulo, pai por sua vez de um garotão traficante de drogas, que aparecerá no Jornal Nacional de cara encoberta pela jaqueta. Do ângulo senhorial, a degradingolada não podia ser maior. Do ângulo a que o livro deve a sua acidez e qualidade, alguma coisa na família pode ter melhorado, nada piorou, e no essencial ficaram elas por elas (SCHWARZ, 2012, p. 145).

Revelam-se, aqui, ingredientes de crítica social semelhantes aos presentes em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a colagem de fragmentos relatados pelo “defunto-autor” que, do outro lado da existência, não mais se preocupa com os freios morais e pode destilar o seu veneno sem medo de represálias, desnudando a sua vida medíocre de elite “decadente” em um país mestiço, colonizado, na “periferia do mundo”, marcado por seculares gargalos econômicos e sociológicos – nas palavras de Darcy Ribeiro, um país que esconde “uma profunda distância social, gerada pelo tipo de estratificação que o próprio processo de formação nacional produziu” (RIBEIRO, 1995, p. 23). Como defendido em *Um mestre na periferia do capitalismo*, a narrativa machadiana atenderia “às questões ideológicas e artísticas do Oitocentos brasileiro, ligadas à posição periférica do país. Acertos, impasses, estreitezas, ridículos, dos predecessores e dos contemporâneos, nada se perdeu, tudo se recompôs e transfigurou em elemento de verdade” (SCHWARZ, 2008, p. 150). Ancorado nas formulações de teóricos como Walter Benjamin e Antonio Gramsci, Schwarz compreende a história enquanto sobreposição de camadas – e o romance machadiano, nesse sentido, seria o resultado de uma recomposição e transfiguração (algo alquímico, condizente com o epíteto

“Bruxo do Cosme Velho”) de valores e conceitos encadeados em uma longa duração histórica, para lembrar de Fernand Braudel. No subterrâneo do ensaísmo, as vigas de Antonio Candido: é perceptível a influência de *Formação da literatura brasileira*, obra seminal com a qual o autor dialoga frequentemente, inclusive no ensaio que serviu de estopim para as recentes discussões com Caetano Veloso.

Se tal pendão sociológico é por muitos condenado, uma vez que condicionaria a análise literária a categorias pouco perspectivistas, é fato que obras como *Leite Derramado*, fincadas na historicidade, favorecem a análise de Schwarz, pois oferecem farto material socio-histórico já filtrado por olhos críticos – no caso, o olhar ferino do escritor Chico Buarque, que materializa nos “aforismos” de Eulálio d’Assumpção o “antagonismo classista” teorizado por Darcy Ribeiro. Em *O povo brasileiro*, obra representativa da sociologia do conflito, o mesmo autor de *Aos trancos e barrancos – como o Brasil deu no que deu* (título que nos remete ao “samba do crioulo doido” de que fala Schwarz) afirma: “o antagonismo classista que corresponde a toda estratificação social aqui (no Brasil) se exacerba, para opor uma estreitíssima camada privilegiada ao grosso da população, fazendo as distâncias sociais mais intransponíveis que as diferenças raciais (...)” (RIBEIRO, 1995, p. 23). Na sequência, o pesquisador assevera: “nessas condições, exacerba-se o distanciamento social entre as classes dominantes e as subordinadas, e entre estas e as oprimidas, agravando as oposições para acumular, debaixo da uniformidade étnico-cultural e da unidade nacional, tensões dissociativas de caráter traumático” (RIBEIRO, 1995, p. 23).

Pode-se dizer que a postura crítica de Schwarz compartilha da mesma ideia de Darcy Ribeiro (as objeções à Tropicália corroboram isso), o que se ramifica diante da variedade de conflitos sociais que emergem, cotidianamente, no contexto brasileiro (uma cadeia de violências, portanto). O machismo e a secular opressão de gênero não escapam das lentes do autor, que encontra tanto em *Leite Derramado* quanto em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* exemplos significativos. Assim como Brás Cubas, Eulálio d’Assumpção não parece se incomodar ao descrever o envolvimento com mulheres cujas vidas, a exemplo de Marcela, são “destruídas” pelas convenções sociais e pela amoralidade do protagonista. Amoralidade que atinge grau máximo quando das leituras (descarnadas) sobre a escravidão e a mestiçagem.

2. Entre cacos e chibatadas: as violências

Se em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* encontramos o negro Prudêncio, personagem das lembranças infantis do narrador, em *Leite Derramado* há a complexa figura de Balbino – que, juntamente com Matilde (mulata, alvo da censura da mãe de Eulálio – a personificação integrada, portanto, do machismo e do racismo), condensa, no interior do romance de Chico Buarque, o peso dos olhares sobre o preconceito racial. Lê-se, no capítulo XI das Memórias Póstumas, “O menino é pai do homem”, a seguinte (nada inocente) passagem:

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de ‘menino diabo’, e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher de doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à mamãe que a escrava é que estragara o doce por pirraça, e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque da casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, - algumas vezes, gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um –“ai, nhonhô!” – ao que eu retorquia: - “Cala a boca, besta!” (...) (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 32/33).

Em *Leite Derramado*, romance em que o chicote e as humilhações também se fazem presentes, o negro Balbino primeiramente aparece quando das lembranças da infância pós-abolição de Eulálio (o negro neto de escravos que permanece a ser comandado pelos “chefes” brancos, produto da “abolição para inglês ver” ironizada por Machado de Assis na crônica de 18 de maio de 1888 – em outras palavras, o negro livre da senzala porém preso na favela, como na letra de um célebre samba de enredo mangueirense⁸); assim como Prudêncio, Balbino reaparece na adolescência e na vida adulta do protagonista, mas os desdobramentos das reaparições são bastante diferentes. No que tange aos relatos adolescentes de Eulálio, estes são marcados pelo desejo sexual pontuado de sadismo e pelos demais – e graves – sintomas do preconceito também observáveis em Brás Cubas. O seguinte trecho bem ilustra o exposto:

⁸ Trata-se da composição “Cem anos de liberdade – realidade ou ilusão?”, elaborada para o desfile carnavalesco de 1988, de autoria de Hélio Turco, Jurandir e Alvinho.

Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar na família sem sapatos. Curioso é que seu filho, também Balbino, foi cavaliço do meu pai. E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância. Esse me ensinou a soltar pipa, a fazer arapucas de caçar passarinho, me fascinavam seus malabarismos com uma laranja nos pés, quando nem se falava em futebol. (...) Durante um período, para você ter uma ideia, encasquetei que precisava enrabar o Balbino. Eu estava com dezessete anos, talvez dezoito, o certo é que já conhecia mulheres, inclusive as francesas. Não tinha, portanto, necessidade daquilo, mas do nada decidi que ia enrabar o Balbino (BUARQUE, 2011, p. 18/19).

Na sequência do texto, Eulálio d'Assumpção (zeloso do “p”, um elemento diferenciador, como bem salienta Schwarz) relata algumas ordens sádicas que dava a Balbino (trepar nas mangueiras para pegar frutas, nunca encontrando a manga ideal) e termina por dizer que, assim como “do nada” surgiu a vontade de abusar sexualmente do “amigo” e criado, “do nada” o desejo foi embora, com a chegada de Matilde: “mas por esse tempo, felizmente aconteceu de eu conhecer Matilde e eliminei aquela bobagem da cabeça. No entanto garanto que a convivência com Balbino fez de mim um adulto sem preconceito de cor” (BUARQUE, 2011, p. 20). Na sequência imediata, o narrador se contrapõe aos pais, alegando que sabia dos preconceitos encalacrados na família: “nisso não puxei ao meu pai, que só apreciava as louras e as ruivas, de preferência sardentas. Nem à minha mãe, que ao me ver arrastando a asa para Matilde, de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo” (BUARQUE, 2011, p. 20). O medo do “cheiro de corpo” demonstrado pela mãe se devia ao fato de que Matilde “era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantaram na missa do meu pai” (BUARQUE, 2011, p. 20).

A despeito de não assumir o preconceito racial também perceptível em suas atitudes, o narrador afirma que Matilde “não tinha cheiro de corpo”. São notórios os subterfúgios textuais utilizados por Eulálio para “embranquecer” e “limpar” a mulher (postura higienizadora que surge enquanto personificação de uma das mais sangrentas políticas públicas levadas a cabo no Brasil e em demais países do mundo, ao longo do século XX – que se desdobrou em um comportamento corrente, por vezes naturalizado, como apontado por Darcy Ribeiro⁹), prova de que o racismo não era um preconceito apenas apregoado pelo pai

⁹ Segundo o autor, “prevalece, em todo o Brasil, uma expectativa assimilacionista, que leva os brasileiros a supor e desejar que os negros desapareçam pela branqueação progressiva. (...) A característica distintiva do racismo

senador e pela mãe aristocrata (que tanto se opunha ao relacionamento, gerando crises recorrentes). O culto a um determinado modelo familiar – a aristocrática família branca, sob as luzes de um brasão portentoso, dos finais de semana idílicos nos chalés suíços de Copacabana – tornava Matilde a intrusa, a estranha naquele ninho de aparências. É compreensível que o desenrolar da história mergulhe na tragicidade.

Brás Cubas, no capítulo “Genealogia”, descreve os galhos mais antigos da sua árvore familiar (de origem tanoeira), atribuindo ao relato os “fumos de fidalguia” desmascarados por Machado de Assis. O “curto esboço genealógico” do defunto-autor tem passagens preciosas que muito dizem do caso “d’Assumpção”:

Como este apelido de Cubas lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto do Damião, que o dito apelido fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação; escapou à tanoaria nas asas de um *calembour*. Era um bom caráter, meu pai, varão digno e leal como poucos. Tinha, é verdade, uns fumos de pacholice; mas quem não é um pouco pachola nesse mundo? Releva notar que ele não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor, Brás Cubas, que fundou a Vila de São Vicente, onde morreu em 1592, e por esse motivo é que me deu o nome de Brás. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que ele imaginou as trezentas cubas mouriscas (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 20).

O passado nobiliárquico de Brás Cubas, portanto, é fruto de um rearranjo histórico, uma construção ficcional embebida do elitismo típico do personagem. Em *Leite Derramado*, o passado e o presente de Eulálio d’Assumpção revelam, também ironicamente, a “triste” história da elite brasileira condensada na máxima “pai rico, filho nobre, neto pobre” (BUARQUE, 2011, p. 38) – o que, para Roberto Schwarz, é um estudo sociológico dos mais astutos: uma leitura histórica através de lentes dialéticas que, nas entrelinhas, apontam e aumentam as nossas contradições. A crença na superioridade burilada desde a infância se choca com a realidade contemporânea, quando o protagonista está praticamente vegetando em

brasileiro é que ele não incide sobre a origem racial das pessoas, mas sobre a cor de sua pele. Nessa escala, negro é o negro retinto, o mulato já é o pardo e como tal meio branco, e se a pele é um pouco mais clara, já passa a incorporar a comunidade branca. Acresce que aqui se registra, também, uma branquização puramente social ou cultural” (RIBEIRO, 1995, p. 224/225). Tal movimento “embranquecedor” atingiu mesmo Machado de Assis, que, em 2011, foi retratado, na campanha publicitária em comemoração aos 150 anos da Caixa Econômica Federal, como um homem branco de olhos claros – um “perfeito” fidalgo europeu (o que gerou inúmeras manifestações de repúdio e levou a instituição a veicular um novo comercial na TV, no qual o escritor era representado por um ator negro).

uma cama infecta de um hospital superlotado - em cujo mesmo quarto, para o seu desgosto incontrolável (ele, que não se dizia racista), estão internadas “pessoas de cor”. O esfacelamento da vida de privilégios é constantemente atacado pelo velho, para quem, por exemplo, era um completo absurdo o fato de que um taxista negro não o havia tratado com as devidas reverências por não saber das origens imperiais do “nobre passageiro”, a linhagem do Conde dos Arcos. De certa forma, e disso provém um humor de acento ácido (a corrosiva hipocrisia que desperta o fascínio de Schwarz), Eulálio d’Assumpção conserva os mimos de criança - “um marmanjo que vive de mesada” (BUARQUE, 2011, p. 56). Nos termos dele, tocando em outro secular problema da sociedade brasileira (a questão fundiária, atrelada aos conflitos entre grandes ruralistas e camponeses sem-terra – sobrando os exemplos de tocaias e chacinas), “quanto ao dinheiro, querendo ou não, mamãe para mim seria sempre uma salvaguarda. Sua família era talvez mais abastada que os Assumpção, só em pastagens os Montenegro possuíam metade do estado de Minas Gerais” (BUARQUE, 2011, p. 59).

Tais problemas são tencionados por Lilia Schwarcz e Heloisa Starling no recente *Brasil: uma biografia*, obra que, assumidamente incompleta e incapaz de dar conta da história brasileira como um todo (o que sequer é desejável, dado o teor anacrônico das pretensões enciclopedistas), apresenta um vasto panorama de acentuado viés ensaístico – com destaque para os períodos recentes, após a redemocratização. Segundo as autoras, na esteira das elucubrações de Darcy Ribeiro, “no Brasil a democracia convive perversamente com a injustiça social” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, p. 502). A injustiça é revelada por meio de inúmeros confrontos de dados numéricos e, um dos pontos mais interessantes da obra, comparações entre imagens – como a apresentação da aquarela “Negros acorrentados levando para a cadeia o jantar que foram buscar no Hospital da Misericórdia”, de Jean-Baptiste Debret (registro do século XIX) em paralelo com uma fotografia de Luiz Morier, de 1982, descrita da seguinte forma: “blitz da Polícia Militar no Morro da Coroa e Cachoeirinha – PM prende favelados pelo pescoço.” As autoras evidenciam, com as imagens, que “as marcas dos cativos negros, queimados com o ferrete de seus senhores, persistiu como estigma social.” Complementando a leitura, afirmam que “mais de um século após a abolição desse sistema, a população pobre e, não raro, negra vive ainda sob o jugo da violência: não mais aquela das

chibatas, mas o de um teimoso legado cultural de exclusão social” (SCHWARCZ e STARLING, 2015, 134b.).

Em Darcy Ribeiro, a problemática ganha colorido intenso, uma vez que o autor faz questão de assinalar os conflitos em laudas quase panfletárias. Conflitos que por vezes (ou no mais das vezes) não são percebidos pela grande massa, o que se depreende da seguinte ideia: “não é por acaso, pois, que o Brasil passa de colônia a nação independente e de Monarquia a República, sem que a ordem fazendeira seja afetada e sem que o povo perceba” (RIBEIRO, 1995, p. 219). Não se tem, aqui, a alegoria machadiana das tabuletas da confeitaria? É fato que o mesmo entendimento pode ser utilizado para se pensar a abolição de 1888 e as efetivas (ou não) mudanças ocorridas no interior da última nação americana a abolir o tráfico negreiro. Darcy Ribeiro afirma: “a luta mais árdua do negro africano e de seus descendentes foi, ainda é, a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional” (RIBEIRO, 1995, p. 220). Resta evidente que ao problema do “poder intocado” do “patronato fazendeiro” (RIBEIRO, 1995, p. 219) está justaposta a questão racial – o que se desdobra, conforme diz o sociólogo, em atitudes de “desprezo vil” – “visão deformada” que pode ser assimilada “também pelos mulatos e até pelos negros que conseguem ascender socialmente, os quais se somam ao contingente branco para discriminar o negro-massa” (RIBEIRO, 1995, p. 222). Desenha-se o tema da introjeção do opressor por parte do oprimido, um dos pilares da teoria pós-colonial (vide as teorizações de autores como Frantz Fanon, Leela Gandhi, Gayatri Spivak e Edward Said) e da “pedagogia do oprimido” de Paulo Freire.

O panorama ainda esclarece que aos temas do racismo e da concentração de renda, imbricados, se somam demais exemplares da perpetuação de uma elite parasitária que pouco mudou do Império à República¹⁰: o apreço pelo Direito enquanto carreira nobre a ser cursada (também observado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*), a sequência de Eulálios e a manutenção de uma linhagem por meio do primeiro nome, a monumentalização do passado (a chegada da corte como algo a ser exaltado e a recorrência ainda mais antiga às invasões francesas e à utopia da França Antártica de Villegagnon,

¹⁰De acordo com Alfredo Bosi, ao analisar a escravidão brasileira e as relações com o liberalismo, “a classe fundadora do Império do Brasil consolidava (...) as suas prerrogativas econômicas e políticas. Econômicas: comércio, produção escravista, compra de terra. Políticas: eleições indiretas e censitárias. Umas e outras davam um conteúdo concreto ao seu liberalismo. Que se tornou, por extensão e diferenciação grupal, o fundo mesmo do ideário corrente nos anos 40 e 50” (BOSI, 1998, p. 200).

espécie de desejo de “não ser estrangeiro” aqui, um país incivilizado, outrora antropófago, que podia ser diferente, branco, francês, ainda governado por monarcas das casas de sangue azul). No trecho em que o protagonista descreve o descaso dos governos republicano, militar e redemocratizado para com o nome do seu pai, que nomeava uma rua importante do Rio de Janeiro e em tempos atuais supostamente nomeia uma pequena ruela sem saída (imagem das mais expressivas), o sentimento de “queda” fica evidenciado.

Os relatos da dilapidação do patrimônio por meio do genro Amerigo Palumba são também carregados de acordes machadianos, lembrando o leitor da desmedida cobiça de Cristiano Palha, em *Quincas Borba*. Os parasitas (“medalhões” ora mais ora menos brilhantes) se multiplicam e a cadeia de exclusões parece não ter fim. Tragicamente, como apontado por Darcy Ribeiro, os oprimidos passam a reproduzir a lógica dos opressores - e nada é mais forte, nesse sentido, que a cena de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em que o adulto negro Balbino tortura, em pleno Valongo, um escravo igualmente negro:

-Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!
Meu senhor! gemia o outro.
-Cala a boca, besta! replicava o vergalho.
Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio - o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.
-É, sim, nhonhô.
-Fez-te alguma coisa?
-É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.
-Está bom, perdoa-lhe, disse eu.
-Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!
(MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 100).

Ao leitor, resta claro que a relação entre Brás Cubas e Prudêncio permanecia desigual, não tendo a alforria cortado os laços da subserviência escravocrata (Brás Cubas continuava a ser visto como o “senhor” cujas ordens eram inquestionáveis). Desigualdade que também permeia o discurso de Eulálio d’Assumpção para com o “cupincha” Balbino, que, adulto, conquista a simpatia de Matilde, despertando os ciúmes do narrador. A irmã de Balbino, inserida nos jogos de poder, torna-se a babá de Eulalinha, a filha do casal, e é descrita como “uma pretinha que era quase da família” (BUARQUE, 2011, p. 84). O incômodo que a presença de ambos causava no chalé de Copacabana (o autor é sutil ao descrever a cena em

que o negro leva a Matilde “um balaio cheio de mangas” (BUARQUE, 2011, p. 84), dialogando com o passado da fazenda e com os sádicos desejos de outrora) deixa evidente que a condição híbrida dos personagens (livres porém aprisionado ao ideário escravocrata e à memória da chibata; “quase da família”, apesar das diferenciações) não era um ponto pacífico.

Em um momento crucial para o desenrolar da história, Eulálio profere, com alguma naturalidade: “o Balbino nem era mais escravo, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava num tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo. E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício” (BUARQUE, 2011, p. 102). A crueldade albergada na passagem não deixa de ser uma denúncia ao modo de Machado de Assis, saída naturalmente da voz narrativa de alguém que se expõe sem o querer – para ser julgado pelo olhar atento do leitor, ciente das entrelinhas. Tal movimento é o que renova o fascínio de Schwarz, para quem a força literária reside na “clareza obscura”, no “dito” que alberga um “não-dito”, na “desfaçatez camaleônica” (expressão que o autor utiliza para se referir a Caetano Veloso, narrador de *Verdade tropical*) dos heróis problemáticos. As carcaças sociais desenhadas por ambos os autores, Machado de Assis e Chico Buarque, sob os olhos de Brás Cubas e Eulálio d’Assumpção, respectivamente, comprovam que um arco temporal de mais de cem anos não foi o bastante para mudar determinadas mentalidades. O que dirá os nossos graves abismos – a violência estrutural, as chibatas contemporâneas.

Conclusão - e o samba continua...

Segundo Roberto Schwarz, de modo bastante sucinto, a capacidade de costurar tantos pormenores carregados de criticidade sem abrir mão da narratividade própria de um bom texto literário, ficcional, é a grande qualidade da prosa de Chico Buarque, que indiscutivelmente bebe da fonte de Machado de Assis. Diz o ensaísta, com ecos nas leituras de *Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que “o virtuosismo com que Chico encarna em primeira pessoa a mediocridade e os preconceitos oligárquicos do seu narrador, tornando-o extremamente interessante, e aliás sempre engraçado, é notável” (SCHWARZ, 2012, p. 146). Assim como em Brás Cubas, “pelo arco de tempo abarcado e pelas questões de classe e raça,

Leite Derramado pareceria ser um romance histórico ou uma saga familiar, coisas que não é” (SCHWARZ, 2012, p. 148). É algo mais enovelado, turvo, confuso.

Percorrido um caminho interpretativo tortuoso (como não poderia deixar de ser, dados os componentes espinhosos da temática abordada e a não-exatidão das leituras literárias), a afirmação de que *Leite Derramado* não é um “romance histórico” adquire certa luminosidade, merecendo maior atenção. O diálogo imediato com Lukács e Adorno, nomes que compõem a base teórica sobre a qual Schwarz constrói as suas edificações ensaísticas, é pertinente – especialmente com o primeiro, o autor de *O romance histórico*. Na obra, o teórico húngaro aponta para a ideia de “convulsões histórico-sociais” (o que automaticamente nos remete às convulsões físicas de Eulálio d’Assumpção, na cama do hospital), afirmando que “a gênese e o desenvolvimento, a ascensão e o declínio do romance histórico são conseqüências necessárias das grandes convulsões sociais dos tempos modernos” (LUKÁCS, 2011, p. 31). Contraditoriamente, se há algo que não explode em *Leite Derramado* são “convulsões sociais” – tanto que Schwarz afirma que, ao final da narração de Eulálio, “persistiu a desigualdade, desapareceram o decoro e a autoridade encasacada, e não se instalaram o direito e a lei” (SCHWARZ, 2012, p. 150).

A família encabeçada pelo patriarca moribundo, na visão do ensaísta, representa a permanência das nossas mazelas sociais de berço – uma continuidade jamais abalada no cerne ou efetivamente ameaçada (ainda que alguns privilégios tenham se desmanchado pelo caminho ou tão somente mudado de endereço). Os Assumpção, para Schwarz, e parece justa a possibilidade de se pensar os “Brás Cubas”, “são antes uma categoria social que uma família, e importam menos do que o tempo que os atravessa” (SCHWARZ, 2012, p. 148). Tem-se, aqui, visão análoga às desenhadas por Darcy Ribeiro e Alfredo Bosi. É de Ribeiro a ideia de que o Brasil, por debaixo do verniz multiétnico e unificado (construção discursiva que remonta aos projetos imperiais, quando a imagem do índio foi promovida a símbolo de um país coeso, valoroso e orgulhoso de sua gente e de sua natureza, ainda que, contraditoriamente, os povos indígenas permanecessem a ser massacrados nação afora – algo investigado com minúcia por Lilia Schwarz), é um país dilacerado, marcado por uma “estratificação classista de nítido colorido racial e do tipo mais cruamente desigualitário que se possa conceber” (RIBEIRO, 1995, p. 24). O sociólogo, na esteira desse raciocínio, refuta o

secular mito da “democracia racial” e ensaia uma previsão nada romântica: “nessas condições de distanciamento social, a amargura provocada pela exacerbação do preconceito classista e pela consciência emergente da injustiça bem pode eclodir, amanhã, em convulsões anárquicas que conflagrem toda a sociedade” (RIBEIRO, 1995, p. 25).

Mas, e é importante reforçar isso, as “convulsões anárquicas” de Darcy Ribeiro, variantes das “convulsões histórico-sociais” de Lukács, não dão as caras em *Leite Derramado*, como também não eclodem em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ou em *Esaú e Jacó*. Ao invés de trincheiras, a troca de tabuletas; o poder das canetas acima das revoltas populares – o que não quer dizer, em absoluto, que não escorrem por entre os parágrafos o leite e o sangue derramados em demasia, avolumando-se, nos cantos dos casarões, os cacos das ações violentas – escombros, como aqueles de que fala Walter Benjamin ao descrever o “Anjo da História”. Há, evidentemente, um componente irônico – um ceticismo maduro que conduz a leitura à melancólica constatação de um caminhar a passos lentos. O olhar sociológico de Schwarz, nesse ponto, é bastante preciso, quase cirúrgico – e não deixa de expressar a vivacidade da teoria crítica, atenta ao dissenso e aos alicerces da infraestrutura social. Em outras palavras, pode-se dizer que Schwarz elucida que as vigas fundamentais da sociedade patriarcal brasileira, apesar de um pouco roídas ou danificadas, permanecem a sustentar, vigorosas, a casa-grande onde o samba ocorre. Tempero refinado para o riso de Brás Cubas, tal ideia é o centro nervoso da análise do ensaísta, despertando no leitor um emaranhado de questionamentos sobre as violências (eloquentes ou silenciosas) de cada dia.

A consciência desse quadro (perene) de desigualdades mofadas e tensões engatilhadas, porém, no mais das vezes escapa aos olhos – e aos sentimentos – de Eulálio d’Assumpção. Para ele, e eis parte da riqueza da experiência literária de Chico Buarque, o legado filial personalizado nos Eulálios comunista e traficante são restos desgostosos, destroços, o produto de uma sucessão de decadências (financeira, moral, racial, etc.). Em outras palavras, uma ruptura ou uma queda – a elite que ele ainda representa teve o seu pedestal minado e perdeu um sem-fim de “privilégios legítimos”, algo “inadmissível” e “intolerável”. Entretanto, pontua Schwarz, a casa-grande não ruiu – ao contrário, permanece a sediar suntuosos banquetes. A incapacidade de compreender o seu lugar na sociedade brasileira (a começar pela incapacidade de assimilar e compreender a internação no hospital público, cenário onde

são proferidos os maiores despatérios) é causa e consequência de uma tragédia particular – o drama solitário do patriarca d’Assumpção. Nesse ponto, o veredito de Brás Cubas foi diferente e salta do texto machadiano uma mordacidade maior: não teve filhos, não transmitindo a nenhuma criatura “o legado da nossa miséria” (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 176). Na obra machadiana, a interrupção consciente de uma linhagem. Ao final de *Leite Derramado*, a certeza de que o samba continua.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2008.

BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões*. Estudos machadianos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global Editora, 2011.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2011.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Contos*. Organização, introdução, revisão de textos e notas de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 2008.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 2002.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Esau e Jacó*. São Paulo: Ática, 2002.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 2006.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia. Ensaio e Entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2008.